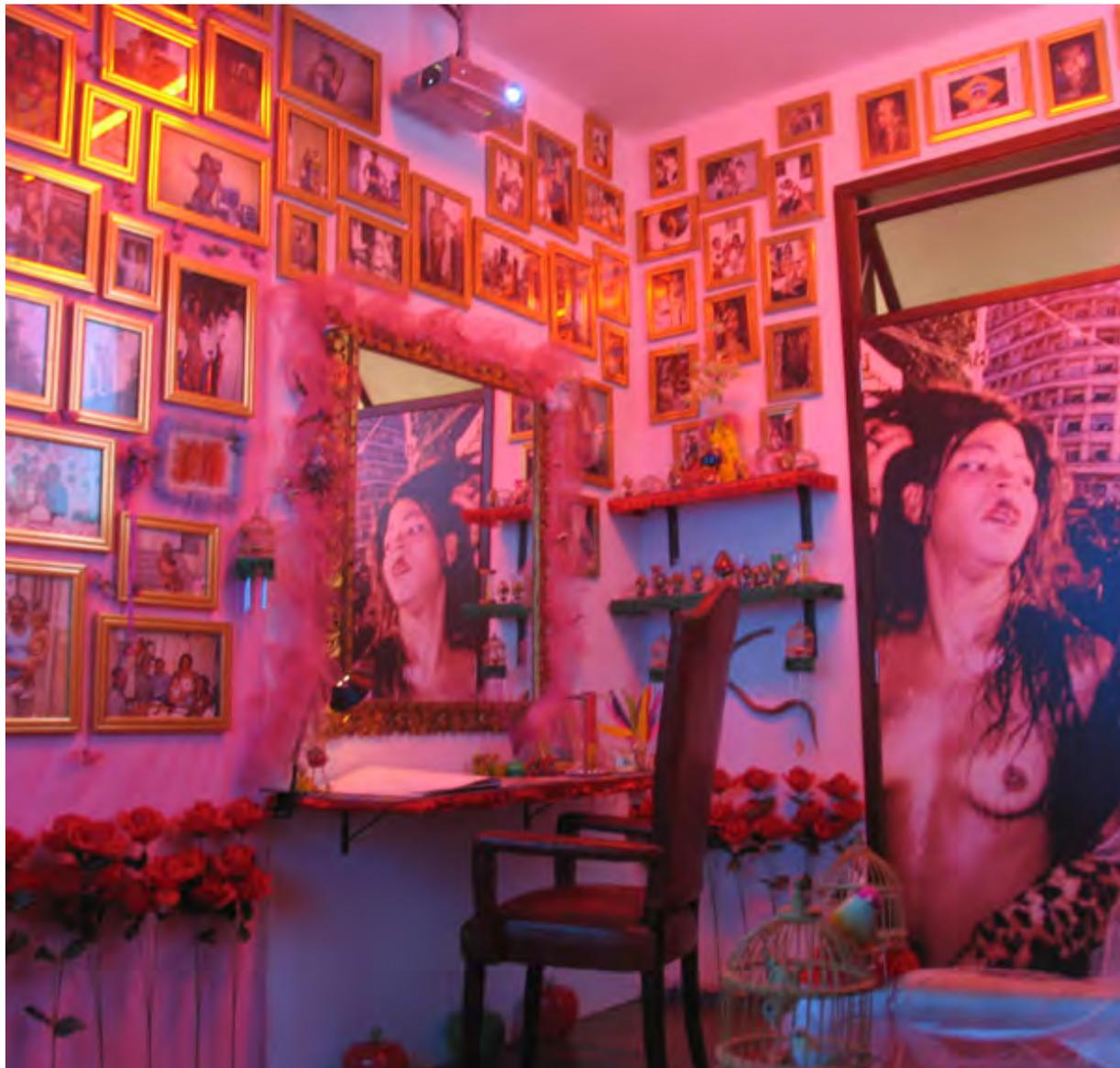


studio butterfly e
outras fábulas

virginia de medeiros

galeria

nara roesler



video still de/from -- **studio butterfly**, 2003-2006 -- vídeoinstalação/video installation

virginia de medeiros

studio butterfly e outras fábulas

moacir dos anjos

A obra de Virginia de Medeiros é composta por fábulas. É obra feita de histórias inventadas para falar de pessoas e coisas que lhe importam e lhe movem. Histórias que, para tanto, recortam a realidade de um modo distinto da maior parte de outras narrações de fatos: histórias que acolhem o que é comumente deixado de fora ou à margem por versões concorrentes do tempo e do lugar que habita. Histórias que produzem equivalentes sensíveis da realidade que a querem mais porosa e inclusiva, desafiando as maneiras dominantes de representá-la. Por tal motivo, as fábulas da artista possuem caráter distinto de quase todas as outras que existem. Se fábulas oferecem, como rotina, ensinamentos que reforçam valores morais hegemônicos nos contextos em que são geradas, as de Virginia de Medeiros confrontam e ignoram cerceamentos e interdições, oferecendo linhas de fuga em seu lugar.

A mais antiga das três fábulas apresentadas nesta exposição chama-se *Studio Butterfly (2003-2006)*, fruto de longa relação estabelecida pela artista com várias travestis de Salvador, cidade próxima da que nasceu e onde

morou no período crucial da vida em que enlases com o mundo são celebrados. O vídeo exibido traz o registro de testemunhos dados por várias das travestis em visita ao estúdio fotográfico montado por Virginia de Medeiros para acolhê-las. Depoimentos permeados por lembranças da escolha pelo desmanche de fronteiras entre o masculino e o seu suposto avesso, afirmando maneiras discordantes de estar no mundo. Em retribuição às gravações e também à cessão de imagens pertencentes a álbuns caseiros das travestis, a artista produziu books para cada uma delas, algo cobiçado por quem tem o próprio corpo como lugar central de trabalho. Ladeando a exibição do vídeo, projeções sequenciadas de fotografias retiradas desses álbuns e desses books são instaladas: imagens das mesmas pessoas, mas feitas em condições e momentos distintos em muita coisa.

A relação entre Virginia de Medeiros e as travestis não se esgota ou se define, contudo, somente por meio de uma troca entre serviços e objetos. Ela é fundada no processo de afetação mútua entre a vida de uma e a vida das outras,

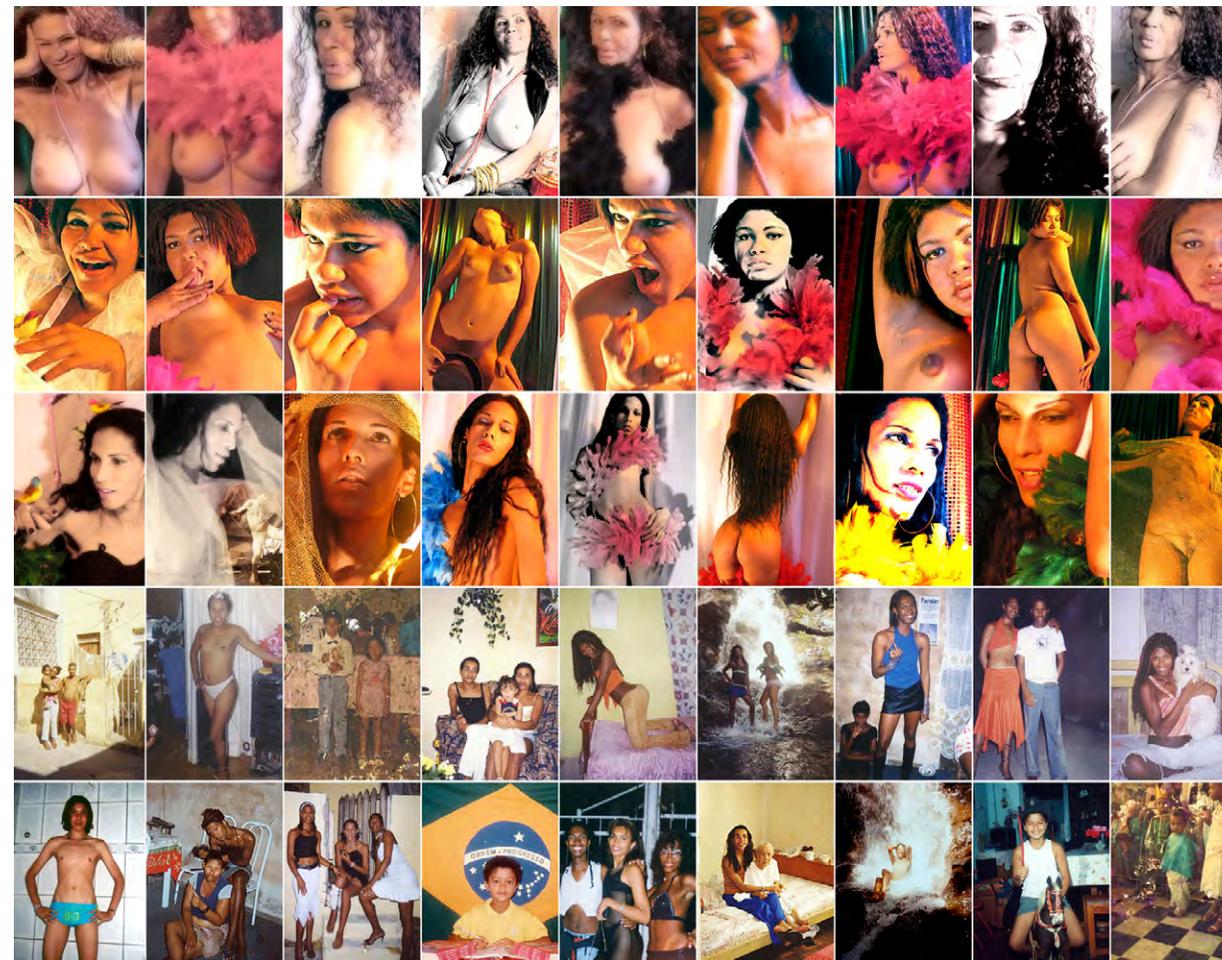
no qual o que permutam e reforçam são pulsões de vida que não cabem nas formas consensualmente admitidas como naturais. Se as travestis se mostram e são mostradas como artistas por conta dos atos de desvio e de exceção que o tempo todo perfazem, a artista se aproxima, por seu desejo impulsivo de entender e de encontrar o outro, do lugar simbólico em que formas de pertencimento à vida são radicalmente inventadas. É nesse espaço de encontro denso que a fabulação ocorre, tecida nas falas e gestos das travestis e como expressão de imaginário que mistura fato e fantasia: defesa ou prudente distância tomada diante de um real inacessível e por demais duro. Esses depoimentos somente existem em forma pública, contudo, em função dos dispositivos criados por Virginia de Medeiros para os captar, articular e exibir. E há ainda, como parte de um trabalho que cerca o seu objeto sem jamais conseguir atingi-lo ou pretender esgotá-lo, o conjunto de narrativas escritas pela artista, feitas em resposta ao que vivenciou no *Studio Butterfly* e que atestam o proveito da palavra para alargar o alcance das imagens criadas.

Seguindo a ordem em que foram feitas, a segunda das fábulas apresentadas é história que separa, e logo ata, solidão e partilha, calma e desassossego, transgressão e obediência, entre outros pares de estados e fazeres tantas vezes distinguidos de modo artificial. Formada por um vídeo e quatro fotografias, *Em torno dos meus marítimos (2014)* contém a breve e intensa apresentação que a dona do Manilas Bar faz de sua vida, que se confunde com a existência da “casa de encontro dos amigos” por décadas mantida por ela na “cidade alta” de Salvador. A fala de Marinalva é ao mesmo tempo orgulhosa e nostálgica de sua trajetória, empenhada na busca do que pode ser a satisfação afetiva dela e dos muitos que frequentaram seu estabelecimento. Mesmo que essa satisfação fosse e seja passageira e incerta; mesmo que deixasse e deixe poucos rastros. O apreço com que cada detalhe ordinário da casa é filmado e a atenção com que Virginia de Medeiros edifica um lugar de protagonismo para a narração de Marinalva suspendem qualquer julgamento moral acerca da prostituição, situando-a como atividade que, junto a muitas, engendra e fortalece formas de vida singulares. As insistentes imagens de um mar que parece não mudar nunca contrastam, contudo, com o reconhecimento de que marinheiros não chegam mais na cidade com tanta frequência, anunciando o ocaso de uma maneira dissidente de pessoas se relacionarem. Imagens e fala que se articulam

para, ao menos, celebrar que por tanto tempo tenha existido essa casa.

A terceira e mais recente das fábulas reunidas nesta exposição se chama *Jardim das Torturas (2012 - 2014)*, e resulta da gradual aproximação da artista de um grupo dedicado a concepções e práticas sadomasoquistas (SM), formado por um homem, o “dominador”, e duas mulheres, suas “escravas”. Tal como em seus outros trabalhos, não há aqui a vontade de expor o outro como mero opositor de um código hegemônico de condutas, mas sim a de percorrer e experimentar o abismo que separa os que seguem tais princípios e aqueles que deles dissentem de alguma maneira. Vontade de criar espaços para a emergência de narrativas que rocem essa alteridade e refaçam a medição da distância entre o que seria desvio e o que parece normalidade. Dos vários indícios resultantes desse encontro, há uma série de cinco relatos feitos pelas “escravas” que Virginia de Medeiros transcreve e grava em metal. São depoimentos escritos que o “dominador” obriga as “escravas” a darem após cada sessão SM, para que melhor avalie o modo de conduzir as que virão depois. Em meio ao possível desconforto que a leitura de cada um desses textos pode causar, entrevê-se a desclassificação de hierarquias e de taxonomias assentadas, confundindo-se submissão e respeito, frustração e desejo, violência e carícia, dor sentida e gozo alcançado.

Em estratégia distinta de captar a fabulação dessa outra forma de vida que a prática SM sugere, a artista realizou longa entrevista com os membros do grupo, da qual exibe o áudio não editado. Na tensa conversa gravada, negocia lugares de fala, provoca e é provocada. Busca, insinuando-se como alguém que se avizinha de um território cerrado para incluí-lo em mapa inventado, entender uma prática que lhe é alheia mas que, como procedimento que desafia e fere regras, concerne a ela e a muitos outros mais. Por fim, em movimento em que se entrega ainda mais à construção dessa fábula que não tem fim certo, faz performance em que simbolicamente se posta no lugar de disponibilidade absoluta que é próprio de uma “escrava”. O vídeo que registra esse gesto é exibido, ademais, de maneira a dificultar o olhar de quem se acerca dessa imagem de aproximação do outro, evocando a situação original em que a performance foi realizada. Em seu todo, o *Jardim das Torturas (2012 - 2014)* promove, tal como o fazem os outros trabalhos de Virginia de Medeiros reunidos nesta mostra,



video still de/from -- studio butterfly (book), 2003-2006 -- vídeoinstalação/vídeo installation



video still de/from -- jardim das torturas, 2012-2014 -- 10:275

virginia de medeiros

studio butterfly and other fables

moacir dos anjos

Virginia de Medeiros' oeuvre is composed of fables. It is made of stories created to discuss people and things that matter to her and move her. To this end, these stories approach reality differently than most other factual narratives: they embrace what is often left out or not given as much importance by other versions of the time and place she inhabits. These are stories that produce sensitive equivalents of reality, portraying it in a more absorptive, inclusive way, and challenging dominant representations. For this reason, the artist's fables display a character unlike almost any other. Whereas fables routinely offer teachings that reinforce the ruling moral standards within their respective contexts, Virginia de Medeiros' fables confront and ignore restrictions and interdictions, offering lines of flight instead.

The oldest of the three fables in this exhibition is titled , the outcome of a lasting relationship between the artist and several transvestites in Salvador, near her city of birth where she lived during the crucial time in life where one's ties with the world are established. The video features accounts from many of the transvestites, given during visits to a photographic studio set up by Virginia de Medeiros

for them. Their statements are permeated with recollections of their choosing to tear down the boundaries between the masculine and its supposed opposite, affirming discordant ways of being in the world. In return for the footage and the transvestites' permanent assignment of the copyrights to their personal photo albums, the artist gave each of them a photo portfolio – a coveted item for those whose bodies are the centerpiece of their labor. The video's screening is surrounded by projections of sequences of photos from the albums and portfolios: images of the same people, but taken under conditions and at moments that differ in many aspects.

The relationship between Virginia de Medeiros and the transvestites, however, does not boil down to a simple exchange of services and objects. It is underpinned by the process whereby their lives affect hers and vice versa, trading life drives that do not fit the forms consensually admitted as natural. Whereas the transvestites present themselves and are presented by artists with an emphasis their deviant acts and their constant condition of exception, the artist approaches them out of her own impulsive desire to understand and meet the other, from the symbolic place where forms of belonging



video still de/from -- studio butterfly, 2003-2006 -- vídeoinstalação/video installation



manilas bar – casa da marinalva - da série/from the series *em torno dos meus marítimos*, 2014 -- fotografia -- 50 x 70 cm

to life are radically invented. This dense meeting space is where the fablemaking takes place, woven in the transvestites' speech and gestures, and as an expression of imagery that combines fact and fantasy: defense or prudent distance from an inaccessible, all-too-harsh reality. However, these statements only exist in public form, as a result of the devices created by Virginia de Medeiros to capture, articulate and exhibit them. And then there is also – as part of a work that circles around its object without ever succeeding in reaching it or intending to deplete it – the set of narratives written by the artist in response to her experiences in making *Studio Butterfly*, which attest to the usefulness of the word in broadening the reach of the images she creates.

In chronological order, the second fable is a story that separates and then immediately reunites loneliness and sharing, calm and unease, transgression and obedience, among other pairings of states and actions that are so often artificially distinguished. Comprising a video and four photographs, *Em torno dos meus marítimos* features a short, intense presentation by the owner of Manilas Bar of her own life story, which entwines with the story of the “house of ill repute” she kept for decades in Salvador’s “high city.” Marinalva’s speech is at once proud and nostalgic of her own trajectory, marked by a quest to attain emotional fulfilment for herself and the many clients of her establishment. Even if said satisfaction was fleeting and uncertain, even if it left and has left few vestiges. The care in filming each of the house’s commonplace details and the attention Virginia de Medeiros imparts to Marinalva’s narration suspend any moral judgments regarding prostitution, portraying it as an activity that, like many others, engenders and strengthens unique ways of living. Persistent images of an ocean that never seems to change, however, contrast with the realization that sailors no longer come to town that often, announcing the demise of a dissident way of people relating to one another. Images and speech come together to celebrate the fact that at least this house has existed for so long.

The third and more recent of the fables in this exhibition is *Jardim das Torturas* (Garden of Tortures), the outcome of the artist’s growing connection with a group dedicated to sadomasochistic (S&M) concepts and practices, comprising a man, the “master,” and two women, his “slaves.” Like her other works, this piece does not involve a desire to expose the other as a mere opponent of a ruling code of conduct, but rather to traverse and experience the chasm that separates those who abide by said principles from those who somehow dissent from them. A desire to create spaces

for narratives to emerge that will flirt with this otherness and remeasure the distance between what is supposedly deviant and what seems normal. The many evidences arising from this encounter include a series of five accounts given by the “slaves,” transcribed and engraved in metal by Virginia de Medeiros. These are written statements the “master” forces the “slaves” to give following each S&M session, so he can best define his approach in sessions to come. Amidst the potential discomfort the reading of each of these texts may elicit, one catches a glimpse of the declassification of established hierarchies and taxonomies, blurring the lines between submission and respect, frustration and desire, violence and caress, the pain felt and the climax reached.

Employing a different approach to capturing the fablemaking of this other form of life S&M practice suggests, the artist conducted in-depth interviews with the group’s members, which she presents in unedited audio. Throughout these tense recorded conversations, she negotiates places of speech, teases and gets teased. Insinuating herself, like someone approaching a difficult territory to add it to an invented map, she strives to understand a practice she is unfamiliar with, but which concerns her and many others as a procedure that challenges and breaks the rules. Finally, in a movement whereby she gives herself up even more to the building of this fable with an uncertain denouement, she enacts a performance in which she symbolically positions herself in the place of absolute availability typical of a “slave.” The video that registers this gesture is shown in such a way as to make it difficult for viewers to see this image of a movement towards the other, evoking the situation in which the performance was originally enacted. In short, *Jardim das Torturas* promotes, as do Virginia de Medeiros’ other works in this exhibition, a pedagogy of unlearning ideas and things that cause the world to seem smaller than it really is.



manilas bar - casa da marinalva - da série/from the series
em torno dos meus marítimos, 2014 -- fotografia -- 50 x 70 cm

studio butterfly e
outras fábulas

virginia de medeiros



(capa/cover) video still de/from -- studio butterfly, 2003-2006
video instalação/video installation

texto/text

moacir dos anjos

tradutor/english version

gabriel blum

revisão/proofreading

marcia macedo

realização/produced by

galeria nara roesler

galeria nara roesler
são paulo

avenida europa 655
jardim europa 01449-001

abertura/opening

23.10.2014

19 > 22h

exposição/exhibition

24.10 > 29.11.2014

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h

galeria

nara roesler

são paulo

rio de janeiro

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br